

## O mal-estar contemporâneo: buscando saídas\*

---

*Carmen Da Poian\*\**

Vou trazer para vocês uma reflexão bastante pessoal sustentada em muitas leituras e que tem a ver com a maneira com que acredito na Psicanálise hoje. O título que propus – “O mal-estar contemporâneo: buscando saídas” – abre a porta para várias direções dentre as quais o tema proposto pela Comissão de Formação Permanente para este ciclo de palestras: os caminhos da violência.

Sem dúvida a violência faz parte do mal-estar do nosso mundo contemporâneo mas sempre esteve presente na história humana. A diferença, talvez, resida hoje no fato dela não só ser excessiva (“este século em seu furor mortífero” diz Badiou), mas totalmente manifesta e por mais que seja individual ou social é também anônima em sua consistência. Os meios de comunicação contribuem, sem dúvida, para isto. Mas, indo além deles, temos que reconhecer que existe atualmente a busca de um prazer desmedido que contribui, em seus requintes, para humilhações impensáveis e para situações familiares e sociais não vistas em tempos anteriores. Basta atentarmos para o que foi denominado “Dias de Fúria” instituídos no Oriente Médio há muito pouco tempo ou para as “Marchas da Indignação e da Cólera” na Espanha ou para os “Tempos da ultra-violência” chamados na França. Parece que dizer simplesmente “ódio” não é mais suficiente e não dá mais conta de sua intensidade e de seu acúmulo.

Mas não gostaria de me deter apenas neste campo do mal-estar contem-

---

\* Conferência realizada no dia 21 de setembro de 2011 no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

\*\* Psicanalista, Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

porâneo. Enumerarei o que também faz parte dele e que já é bem conhecido de todos. Em seguida tentarei englobar esses aspectos no que, me parece, está subjacente a todos eles: a questão da desumanização.

As leituras que me servem aqui como base são muitas e variadas. Mas não poderia deixar de citar como fundamentais os escritos de dois grandes mestres deste pensamento na atualidade. São psicanalistas que alargaram a Psicanálise para o campo social, político e filosófico sem os quais, creio, ser impossível pensá-la e exercê-la. São eles Jean-Pierre Lebrun e Nathalie Zaltzman, esta, infelizmente, recém-falecida.

## **I – O mundo contemporâneo e a difícil humanização**

Olhando de nossa ótica psicanalítica situamos o mal-estar que vivemos através dos novos sintomas e da nova clínica. Mas este contemporâneo do qual fala a Psicanálise é visto também pela ótica social e filosófica. Basta lembrarmos dos textos de Arendt, Agambem, Badiou, Derrida, Dufour, Lipovetsky, Bauman, Senett, Aremberg, Maffesoli dentre muitos outros.

Este incômodo que nos envolve situa-se predominantemente na exigência de um suposto prazer imediato, imperativo, totalizante e que se manifesta de várias formas. Enumerarei algumas:

- Pelo uso da violência manifesta como coerção, humilhação, abuso de poder, anulação de qualquer impedimento para sua realização.
- Pelo desenvolvimento de uma ideologia individualista e utilitária dentro da qual vivemos, muitas vezes sem nos apercebermos.
- Pela ansiedade ou depressão ou apatia ligadas à não aceitação da impossibilidade ou da ausência daquilo que, ilusoriamente, satisfaria de modo pleno.
- Pela falta de referências e de ideais que os objetos buscados, freneticamente, não preenchem.
- Pela experiência de insatisfação que vem da incapacidade de obter e realizar objetivos imediatos e plenos.
- Pela solidão, descrença, perda de tempo que levam ao desinvestimento do mundo e ao desencanto com a vida.
- Pelo deserto de sentido que vem do esvaziamento da faculdade de julgar, de resistir, da falta de coragem de agir.
- Por técnicas e sensações que tomam o lugar de sentimentos.
- Por proveitos e lucros em lugar de compromissos e responsabilidades.
- Pela flexibilidade de identificações produzindo identidades precárias que levam a personalidades múltiplas em um jogo de aparências.

Os itens que enumerei poderiam ainda ser desenvolvidos levando em conta a hipermodernidade para além da pós-modernidade, segundo Lipovetsky<sup>1</sup>, onde o ter coisas é substituído por viver experiências e onde o consumo tem a ver com a busca frenética de renovação de vida.

Isto nos remete a duas grandes questões que são, a meu ver, os traços da base de nosso tempo:

- A não integração da ausência (mais ainda do que da perda).
- A dificuldade de sair de si e de se identificar com o outro.

Esses traços refletem o perigo da negação do específico do humano, daquilo que faz do indivíduo um sujeito de desejo, de representação e, sobretudo, de sustentação do laço social. A impossibilidade de suportar a ausência e a necessidade de viver o excesso abre caminho para o aniquilamento de si. Resistimos a pagar o preço de sermos sujeitos da condição humana e nos deixamos cada vez mais ser levados pela “tirania do imediato” e da urgência.

Torna-se, então, cada vez mais necessário repensar a situação e a localização da experiência cultural em nosso psiquismo redescrevendo a própria teoria da sexualidade com a qual Freud iniciou o caminho da Psicanálise. Pois a Psicanálise, e Freud viu muito bem isto em seu tempo, não é só uma teoria do indivíduo, mas “uma teoria das ações e relações que se estabelecem entre eles”.<sup>2</sup> Do mesmo modo Lacan dirá que a dialética do desejo não é jamais individual estando sempre referida a um Outro.

A Cultura nada mais é do que este espaço privilegiado das ações e expressões subjetivas, espaço de subjetivação “produzido por instâncias individuais e coletivas”,<sup>3</sup> espaço transicional necessário na constituição de cada um singularmente. Através dela participamos e formamos a história coletiva e dela temos também que dar conta. “Não nascemos sendo, mas nos tornamos o que a cultura permite que venhamos a nos tornar” diz Jurandir Freire Costa em um belo artigo.<sup>4</sup>

A Psicanálise precisa, então, estar atenta e ir refazendo sua teoria e clínica acompanhando as transformações sociais sem, entretanto, renunciar aos pontos de base que constituem sua visão do mundo: o conflito e a angústia como condições da incompletude do humano. As reflexões de Jean-Pierre Lebrun e

<sup>1</sup> Lipovetsky, Gilles - Os Tempos Hipermodernos, São Paulo, Ed. Borcarolla, 2004.

<sup>2</sup> Kehl, Maria Rita - Sobre Ética e Psicanálise, São Paulo, Cia das Letras, 2002.

<sup>3</sup> Guattari, Félix - Casmose, Rio de Janeiro, Ed.34, 1992.

<sup>4</sup> Costa, Jurandir Freire - Prefácio a Função Fraternal, org. Maria Rita Kehl, Rio de Janeiro, Re-lume Dumará, 2000.

de Nathalie Zaltzman ajudam muito a repensar este caminho. E é neles que vou me basear para as reflexões que seguem.

Quando Nathalie Zaltzman nos fala do sujeito, ela nos fala do sujeito da condição humana apontando para a vida singular mas enquanto realiza e representa o universo inteiro. Ela nos mostra a falência do narcisismo vital, falência esta tão presente nos dias atuais, como resultante da ausência do sentimento de pertencimento ao conjunto humano. O indivíduo deixa de se sentir um elo fundamental no desenvolvimento da própria espécie na qual, entretanto, precisa se ancorar para ser si próprio em sua singularidade.

Esta falência do narcisismo de base, levando ao possível aniquilamento do ego, provém da falta de sustentação da vida individual em ideais sócio-culturais que reforcem as identificações coletivas necessárias para o desenvolvimento particular e que façam do indivíduo um cidadão capaz de afirmar o laço social. A Psicanálise precisa, então, levar em conta não só a estrutura singular, mas também a da espécie humana e a da sociedade onde estamos inseridos para não cair no risco de uma alienação perigosa que fará com que ela veja doença naquilo que, na realidade, é o doentio, diz Nathalie.

Seguindo agora Lebrun, que vai por um outro caminho mas que nos leva à mesma reflexão, o inconsciente, eixo da Psicanálise, deve ser compreendido como social e transindividual constituindo-se pela interação entre o ambiente, os primeiros outros e o grande Outro da cultura e da linguagem.

Podemos pensá-lo organizado em três camadas:

- Traços da espécie humana
- Traços da cultura
- Traços dos primeiros outros

A singularidade está situada na capacidade do arranjo possível desses três registros inventando novas maneiras de ser dentro de uma sociedade que vive uma crise de legitimidade e de erosão de referências produzindo o que Lebrun denomina “neo-sujeitos”, que a Psicanálise busca hoje compreender.

De fato, o que vemos atualmente, é que a organização sócio-psíquica está bastante centrada na tarefa de sobrevivência, na negação das faltas e das perdas, na busca de objetos concretos que nos preencham. Paul Israel em um pequeno e fantástico artigo<sup>5</sup> nos diz que nossa época é de ameaça de desumanização, do fracasso em estabelecer ligações, da desqualificação da

<sup>5</sup> Israel, Paul – “Le mal-être”, in *Revue Française de Psychanalyse*, Paris, PUF, 1997.

pulsão reduzida ao puro instinto. O sujeito se apaga dando lugar ao indivíduo, os traços identificatórios ficam reduzidos a traços da realidade concreta e à luta para a sobrevivência onde valores e ideais desaparecem.

Creio ser importante, para o paciente que nos chega, começar a se dar conta não só dos determinantes de sua história individual, mas também da rede de determinações sociais que o organiza percebendo que seu mal-estar provem também daí e que ele é atravessado não só pelos fantasmas de sua história mas por relações sociais múltiplas que o ultrapassam e dos quais ele é um efeito. Todavia esta implicação do particular no coletivo não exclui sua responsabilidade na luta para assumir a si próprio e seu desejo singular.

Mas como pensar esta difícil relação entre implicação e responsabilidade? Entramos aqui no campo da Ética entendida como o princípio de julgamento das práticas do sujeito seja ele individual ou social. Segundo Badiou “as circunstâncias de uma verdade são os acontecimentos que nos constroem a inventar uma nova maneira de ser e de agir em cada nova situação que se apresenta.”<sup>6</sup> Aí o lugar da responsabilidade singular sempre situada no interior da implicação no coletivo. Aí também o lugar da culpa, da vergonha e da honra, individuais ou coletivas, tão escassas no mundo atual.<sup>7</sup>

Mas este seria tema para um outro trabalho.

Passarei agora à segunda parte de minha reflexão tentando buscar saídas para o mal-estar contemporâneo.

## II – Buscando saídas

Nesta segunda parte trarei para vocês reflexões e vivências bastante pessoais atravessadas por leituras e trocas com autores e amigos.

Como viver indo além da luta pela sobrevivência, mas também saindo do registro do prazer desmedido desta nossa sociedade dita por uns como “do espetáculo”, por outros como “perversa”, por outros como “do excesso” ou ainda como “barbárie”? Enfim, como viver neste mundo pós-moderno que sucede à confiança total na razão?

Sustentada pelo trabalho da Psicanálise, vejo como possíveis algumas saídas que apontam quem sabe, para a vitória de um certo humanismo. Vejo a Psicanálise, e a possibilidade de seu exercício, dentro de outras e novas perspectivas.

---

<sup>6</sup> Badiou, Alain – Para uma nova teoria do sujeito, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.

<sup>7</sup> Franco Ferrari, Ilka – “Realidade Social: a violência, a segregação e a falta de vergonha”, Revista Mal-estar e subjetividade, vol. VII, n. 2, Fortaleza, setembro 2007.

Como diz Dufour <sup>8</sup> este “quase nada” que nós somos depende do “quase tudo” da Cultura para que se faça ordem em nossas pulsões desordenadas.

Vou abordar, então, dois pontos, se não de resposta pelo menos de abrandamento, ao mal-estar que nos envolve:

- 1) Para além da escuta do singular, a escuta do coletivo.
- 2) Para além do amor, a amizade.

## **1. Para além da escuta do singular, a escuta do coletivo**

A Psicanálise, visando tornar cada um mais dono de sua escolha, indica o caminho do desejo tentando inseri-lo, mas também libertá-lo de sua alienação, no grande Outro que precisa ser decifrado e que segundo Melman,<sup>9</sup> está hoje reduzido ao consenso social ou à simples opinião pública. Nossa subjetividade está presa a um coletivo anônimo sem que se perceba facilmente isto. Na melhor das hipóteses sabemos onde estamos mas não exatamente quem somos, vivendo uma simples impressão de existir. Vladimir Safatle <sup>10</sup> aponta a sociedade pós-moderna como a do imperativo super-egoico do gozo mas este sem nenhum conteúdo normativo privilegiado, o que nos leva a personalidades mutantes que se deslocam de mercadoria para mercadoria ocasionando sintomas de ansiedade (pela rapidez necessária de escolhas) e de depressão (pela impossibilidade de se vincular a um objeto determinado). Ele vê também a subjetividade pós-moderna como resultante de uma cisão do eu onde o que vigora é uma estrutura dual da organização psíquica que ao mesmo tempo que aceita o que a determina, desmente esta aceitação. É a subjetividade do “eu sei mas mesmo assim...” que se liga à estrutura social pela noção de fetiche, objeto de contradição onde saber e crença se misturam. “Há um saber da verdade que não impede de se gozar como se ainda não se soubesse”, diz êle<sup>11</sup>. E é muitas e muitas vezes, este sujeito cindido que chega a nosso consultório.

Ser psicanalista hoje é se saber pertencendo (mas não alienado) a este mundo, responsável por seu paciente e por tudo aquilo que o envolve e o determina. Estar no seu lugar específico através de sua escuta, mas de uma escuta alargada, ajudando a abrir caminhos para que seu paciente rompa barreiras,

---

<sup>8</sup> Dufour, Dany-Robert – Seminário, proferido em fevereiro 2011, Paris, Paris 7.

<sup>9</sup> Melman, Charles – Novas Formas Clínicas no Início do Terceiro Milênio, Porto Alegre, CMC Editora, 2002.

<sup>10</sup> Safatle, Wladimir- Pós-modernidade: utopia do capitalismo , Palestra Pós-Modernidade ou Hipermodernidade na Pinacoteca de São Paulo, agosto 2004.

<sup>11</sup> Safatle, Vladimir – Fetichismo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.

sabendo diferenciar seus pontos de impossibilidade de outros pontos que também o constituem mas que são mais amplos do que sua história particular. Ter a certeza que a produção de sentido não é só individual e que seu alcance simbólico reside no fato de ser coletiva. Os sintomas têm também uma história social e uma herança cultural muitas vezes desconhecida. Como bem diz Maria Rita Kehl,<sup>12</sup> “toda significação depende de sua inscrição numa cadeia de interlocutores e dizer que uma vida faz sentido só é possível quando este sentido é reconhecido pelo grande Outro e pelos outros que nos rodeiam.”

Difícilmente nosso paciente poderá vislumbrar saídas para seus impasses se seu entorno familiar, social, cultural não o reconhecerem como sujeito que, podendo afirmar seu desejo, é capaz por isto mesmo, de barrar o gozo do outro que visa anular sua subjetividade. Aqui se situa a importância da família, da escola, das instituições sociais que deveriam ser lugares de colocação em ato do Não da proibição e também da impossibilidade, levando o indivíduo a consentir na diferença, na autoridade, na não onipotência na medida em que o limite vai se inscrevendo em seu psiquismo. Pois o que é preciso salvar hoje, diz Lebrun,<sup>13</sup> não é propriamente a ordem simbólica mas é, sobretudo, a possibilidade de instalá-la.

O psicanalista precisa, então, cada vez mais se dar conta que não é só de seu trabalho solitário que poderá emergir um sujeito menos assujeitado. A dimensão do compartilhamento faz também parte da humanização e da “cura” deste sujeito. Vejo aí uma das saídas possíveis para o mal-estar que nos envolve.

## 2. Para além do amor, a amizade

Parto da idéia, já amplamente colocada, de que não somos humanos se não na medida em pertencemos a um grupo social.

No capítulo 4 do *Mal-Estar na Civilização*, Freud nos fala do desenvolvimento da Civilização mostrando o quanto o amor, entendido como amor sexual genital, vai contra os interesses da civilização na medida em que encerra os indivíduos neles próprios (o homem na mulher, a mulher nos filhos, os filhos nos pais) constituindo famílias fechadas em seu erotismo ou em seu narcisismo. Aí mesmo Freud introduz a importância da amizade enquanto amor inibido em seu fim mas possibilitando um outro elo de ligação entre os indivíduos. E diz ainda que com o desenvolvimento da civilização a satisfação sexu-

---

12 Kehl, Maria Rita – Sobre Ética e Psicanálise, São Paulo, Cia das Letras, 2002.

13 Lebrun, Jean-Pierre – “Efeitos do neo-liberalismo sobre a subjetividade”, Conferência na Universidade Católica do Recife, em 4 de novembro de 2010.

al direta irá sendo lesada, a sexualidade genital irá diminuindo sua importância na medida em que a libido vai se deslocando. Esta é a natureza primordial de Eros, força de união que faz com que muitos se liguem e que leva Freud a dizer que o amor de dois trai a essência da própria civilização que precisa de laços de identificação entre muitos. É preciso utilizar a maior quantidade possível de libido inibida quanto ao fim sexual para que o laço social se reforce.

Em “Análise do Ego e Psicologia Coletiva” (cap. 8 e 12) Freud dirá que são as tendências sexuais desviadas de seu fim que criam entre os homens laços duráveis e que é neste desvio do fim diretamente sexual que vemos um início de sublimação necessária na construção da civilização.

Como entender isto? Seria este desvio e alargamento da libido algo negativo como Freud também deixa a entender no Mal-Estar na Civilização, quando diz que a repressão do impulso de destruição e a diminuição do exercício direto da sexualidade, intensifica no indivíduo o mal-estar do sentimento de culpa ligado à pulsão de morte? Ou podemos ver o caminho civilizatório como abertura para mudanças internas positivas da própria sexualidade humana? Sem dúvida, podemos refletir enfatizando cada um desses lados. Minha opção é tomar a defesa dos benefícios do desenvolvimento da civilização na medida em que possibilita organizar e ir além do imediato e da desordem das pulsões, constituindo laços afetivos amplos e múltiplos, mais duradouros, inovadores e surpreendentes.

Faço aqui, então, a defesa desses laços através da Amizade.

Na Ética o Nicômaco – Aristóteles <sup>14</sup> diz uma frase emblemática: “O amigo é um outro si mesmo e nos proporciona o que nós não podemos obter de nós mesmos.” Aristóteles vê a amizade como uma virtude e a virtude como um hábito que aperfeiçoa os seres humanos. O que a define é, sobretudo, a reciprocidade, o respeito e a confiança. “Enquanto o amor pode não ser correspondido e até mesmo ser retribuído com o ódio, o amigo só pode ser amigo de seu amigo e nunca de seu inimigo.” <sup>15</sup> diz Zeferino Rocha em um belo artigo. O amigo é o lugar do dizer verdadeiro, dirá Foucault, lugar de relações inventadas, criação de novos direitos, invenção de uma subjetivação coletiva. A amizade tem, sem dúvida, papel fundamental na vida do indivíduo e na vida de polis. Existe nela o que poderíamos chamar um narcisismo alteritário, um narcisismo do nós. Bernard Stiegler <sup>16</sup> fala de um “narcisismo primordial”, um laço onde o amor de si e o amor do outro se fundem para constituir um sujeito

<sup>14</sup> Aristóteles – Ética e Nicômaco, in textos choisis – Les Vertus – Paris, PUF, 1965.

<sup>15</sup> Rocha, Zeferino – Freud entre Apolo e Dionísio, São Paulo, Ed. Loyola, 2010.

<sup>16</sup> Stiegler, Bernard – “Aimer, s’aimer, nous aimer”, Paris, Ed. Galilée, 1957.



atravessado, um sujeito que se constitui não só através do limite que o outro impõe mas também pela riqueza de expansão que ele introduz.

Se, como diz Lacan, no seminário XX, “no amor prometemos ao outro o que não possuímos e dele esperamos o que ele não possui”, na amizade, ao contrário, amamos o amigo não pelo que ele não tem mas pelo que ele é. Enquanto o laço amoroso se alimenta da esperança e do preenchimento, o laço da amizade se alimenta da presença possível <sup>17</sup>.

Parece-me, então, ser cada vez mais necessário repensar o lugar da experiência da amizade no psiquismo e na sociedade atual e redescrever a sexualidade e nossa idéia de felicidade olhando a realidade de outra maneira. E aqui me sirvo do magnífico livro de Francisco Ortega <sup>18</sup> “Para uma Política da Amizade” onde ele analisa os pensamentos de Hanna Arendt, Jacques Derrida e Michel Foucault. Esses autores ensinam o quanto a amizade pode ser energizadora e subversiva colorindo a existência individual e, ao mesmo tempo, abrindo para um campo mais amplo de circulação da libido e de desenvolvimento pessoal. Eles propõem a amizade como um exercício político servindo como resistência à despolitização e a desumanização da sociedade de massa indo além dos limites familiares e dos ideais românticos. É uma expressão do amor entre semelhantes. Ela exprime mais a humanidade em uma dimensão ética porque está mais voltada para o público do que para o privado. É uma forma profunda de experimentar e renovar a sociabilidade sendo uma alternativa a todas as formas tradicionais de relacionamento. Neste laço podemos revelar gratuita e prazerosamente quem somos e o que somos numa abertura para o outro e para o coletivo, constituindo um novo lugar de produção de subjetividade. Enquanto o amor em sua dimensão genital, procura a verdade sobre si numa emoção fechada em singularidades, a amizade reinventa um espaço mais amplo introduzindo movimento nas rígidas relações sociais.

Se a vida e a história de cada um se faz através da necessidade de ser reconhecido, a amizade designa justamente esta capacidade infinita de reconhecimento e de aceitação daquilo que somos, sendo a mais abrangente expressão do amor. Ela serve, a meu ver, como ancoradouro de nós mesmos.

Quero concluir afirmando que seja qual for nossa crença, isto é, nossa convicção não crítica mas necessária - na espécie humana, na história do in-

---

<sup>17</sup> Nasio, Juan-Davi – “Um analista no divã”, Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2003.

<sup>18</sup> Ortega, Francisco – “Para uma Política da Amizade”, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000.

consciente e de suas diferentes manifestações, na possibilidade de construir e desenvolver novos caminhos para nossa sexualidade – não me parece que sem estar apoiados em uma delas enquanto ponto de sustentação de nossa interioridade, nosso saber psicanalítico, confirmado pelas Sociedades que nos formam e nos agrupam, possa ter a força necessária para desempenhar sua função libertadora na vida dos indivíduos .

Temos que estar abertos para reconhecer que o exercício da Psicanálise vai além de nosso necessário saber científico e de nossa necessária, mas não suficiente, escuta do particular, sendo ambos mais amplos do que suspeitamos.

Parece-me fundamental que não nos fechemos diante da grandeza da vida e que consideremos sempre a relação indissociável entre crenças e saberes, construindo com seriedade novos conceitos e técnicas em nossa área específica, mas cientes que nos apoiamos em largos alicerces: aqueles que suportam nosso peso e nossa medida e que possibilitam que sejamos psicanalistas no espaço e no tempo em que vivemos.

É dentro deste contorno que vejo nosso lugar.

**Carmen Da Poian**  
e-mail: cdapoian@terra.com.br